

Onésimo Almeida com a esposa, em New Hampshire, em 1991

único! Creio que tinha 11 anos. Depois fiz outros, de versos, também encadernados. A minha primeira publicação foi um folheto, uma paródia a Os Lusíadas, que me ia merecendo a expulsão do Seminário, tinha 16 anos! Portanto, o bichinho da escrita começou bem cedo.

**Escreve também diversas crónicas para diversos jornais e revistas. De que forma este tipo de escrita o preenche?**

As crónicas são um divertimento e uma maneira de conversar por escrito com as pessoas. Costumo dizer que são ensaios em mangas de camisa. Têm sempre por trás uma ideia a transmitir, mas ela sai em tom leve, embrulhada em estórias. Comecei adolescente ainda com uma coluna diária (enviada de Angra no barco que saía de lá no Domingo à noite – eu enviava para uma semana inteira, mas escrevia umas quantas extra porque já sabia que a censura iria sempre cortar algumas) no antigo Açores que, depois de me proibirem de ali continuar, passei para A União, em Angra. Mas também não demorou muito a ser proibida. Passei depois, já nos EUA, a escrever para o Portuguese Times e o República, em Lisboa. Depois, em 1978, para O Jornal (hoje Visão), também em Lisboa. Em 1981, quando o José Carlos de Vasconcelos começou o Jornal de Letras (JL) passei para lá a minha colaboração, já noutro registo. Ainda hoje colaboro no JL, se bem que não com a frequência que desejaria porque o tempo não estica. Em meados da década de 90, iniciei uma colaboração regular de crónicas na LER que durou até há poucos anos. E tenho muitas crónicas dispersas por variadas outras publicações e blogs. Pedem-me e custa-me dizer que não. Mas elas foram sempre um fait divers. A maior parte da minha escrita é ensaística. Todavia, está demasiado dispersa por todo o lado em revistas e livros colectivos, e por isso tem menos visibilidade entre o grande público. Na verdade, a satisfação maior vem não das crónicas mas da escrita de textos especializados que são lidos em congressos, colóquios, conferências por esse mundo (e só depois publicados) porque nos permitem diálogos com especialistas. E isso constitui um grande enriquecimento intelectual e humano.

**No meio de todo este percurso constituiu família. Fale-nos um pouco sobre estes laços que foi criando, nomeadamente quanto a esposa, filhos e netos – se os tiver.**

Casei ainda não estava nos EUA há dois anos. Costumo dizer que foi o meu primeiro diploma da Brown. A Mary era estudante de Engenharia e conhecêmo-nos um mês depois de eu lá começar a estudar. Também estrangeira – grega, de Creta – fora para os EUA já adolescente. Desse casamento, que durou 17 anos, tenho uma filha, a Tatyana. Já viveu em Barcelona e agora reside e trabalha em Providence. Fala fluentemente português, grego e espanhol, além do inglês, claro. Em 1992, casei com a Leonor e dela herdei dois filhotos que adoptei e sempre me tiveram exclusivamente a mim como pai: o Pedro e o Duarte. São, portanto, três Almeidas que

foram criados juntos e se consideram irmãos. A Leonor é minha colega no Departamento, onde lecciona Literatura Portuguesa e Africana de Expressão Portuguesa. É natural de Lisboa. A mãe era terceirense e o pai de Vila Real. O Pedro vive e trabalha aqui perto. O Duarte em San José, Califórnia. Ambos casados, por enquanto só me apresentam cães como netos. O do Pedro e da Shara chama-se Oliver Brady-Almeida. A Tatyana já esteve para casar, mas arrepiou caminho. E avisou-me que, mesmo que case, não vale a pena eu contar com netos. Não me pergunte mais sobre este tema porque não sei. Nunca nem eu nem a Leonor nos intrinmetemos na vida dos nossos filhos. Temos com eles a melhor relação, bastante próxima, tema e querida, quanto se pode ter, mas respeitamos inteiramente as suas opções e decisões. Não fiz nem farei perguntas!

**Que importância tem o seio familiar na sua vida?**

Imensa! Cresci no meio de uma família muito alargada. Desde criança, as casas dos meus avós enchiam-se com os filhos e netos. Aqui nos EUA, quando a minha avó materna passou a viver com os meus pais, todas as tardes de Domingo a família reunia-se lá. No seu aniversário, ultrapassavam a meia-centena. Eu, que sempre viajei muito, era a ovelha tresmalhada porque não podia ir todos os domingos. Mas ia sempre que cá estava.

Na minha casa, a família foi sempre fulcral. Refeições em comum. Jantar todos os dias a hora certa, com todos juntos à mesa e sem TV acesa, aliás, nunca houve TV no primeiro andar da casa, aquele onde passávamos mais tempo. Uma hora à mesa a comer e a conversar. Idem nos fins-de-semana. Muitos passeios juntos. Viagens dentro dos EUA, para os Açores e Europa, pois são sempre momentos marcantes que os filhos recordam com saudade. Muita liberdade de expressão, muito humor, mas as regras eram para serem cumpridas. Dizia-lhes que em casa havia duas democracias: uma, entre os pais; a outra, entre eles. A democracia dos pais para a dos filhos era regida por um sistema autoritário benévolo em que a lei principal era do amor focado nos interesses futuros deles. E aí os pais sabiam mais do que eles sobre o que era importante, ou viria a ser importante para eles. O mais rebelde, o Duarte, hoje diz que ainda não encontrou melhor sistema para lidar com os filhos que herdou da Danielle, a mulher com quem casou. Com a família alargada, mantive e mantenho as melhores relações – irmãos, sobrinhos, sobrinhos-netos. No verão passado, uns quantos de nós passamos duas semanas em Creta, Grécia. Este ano, estamos a planear uma ida a Portugal Continental. É uma excelente maneira de fortificarmos a nossa amizade e a ligação com a geração mais nova.

**Mantém sempre a ligação com os Açores mesmo estando longe. De que forma?**

Nunca deixei os Açores. Costumo dizer que não se emigra, alarga-se fronteiras. Até porque vivo na Décima Ilha. Quem vive em Providence está a dez minutos

## “A escrita foi algo que sempre me agarrou desde criança”

São muitos os livros que Onésimo Almeida já escreveu e a tendência é mesmo continuar. Por conta deste gosto pela escrita, diz que sempre quis ser professor e jornalista e revela que escreveu o primeiro livro aos 11 anos, o qual foi até ilustrado e encadernado por si próprio!

do mundo açoriano. Basta ir ao Campinos ou ao Dinis almoçar. Por isso nunca senti saudades dos Açores. Vou aos Açores e venho todos os dias e com frequência. E leio os jornais daí na véspera de vocês os lerem, graças aos quatro fusos horários.

**Vem cá com alguma regularidade. O que mais o apaixonou na nossa ilha e do que mais sente saudades?**

Sim. Todos os verões, um mês pelo menos é passado nos Açores. E é mesmo “nos Açores”, não apenas em S. Miguel. Também no Pico (com saltos inevitáveis ao Faial) e S. Jorge, mas igualmente na Terceira, Flores (com uma ida ao Corvo), Graciosa ou Santa Maria. Confesso que nunca fui às Formigas, apenas passei nas imediações, o suficiente para ver como são ao vivo (ou em pedra).

**O que mais me atrai? A paisagem é um fascínio. Mas também fui sempre muito ligado aos amigos.**

**O que faz nos seus tempos livres?**

Não tenho tempos livres. O meu tempo é fluído. Tem intervalos de aulas, de escrita, de trabalhos aqui e ali, com espaços para tratar das mil miudezas da vida e também viajar, estar com a família, os amigos. Os tempos livres não são marcados; acontecem nos momentos necessários, ditados pelas oportunidades. Ler é fundamental. Mesmo ler em trabalho é um prazer, como se fosse uma actividade de tempo livre. Viajar pode ser para trabalho, todavia trato esse capítulo sempre como um tempo livre, uma oportunidade para aprender descontraído e divertindo-me.

**Pensa regressar definitivamente para os Açores?**

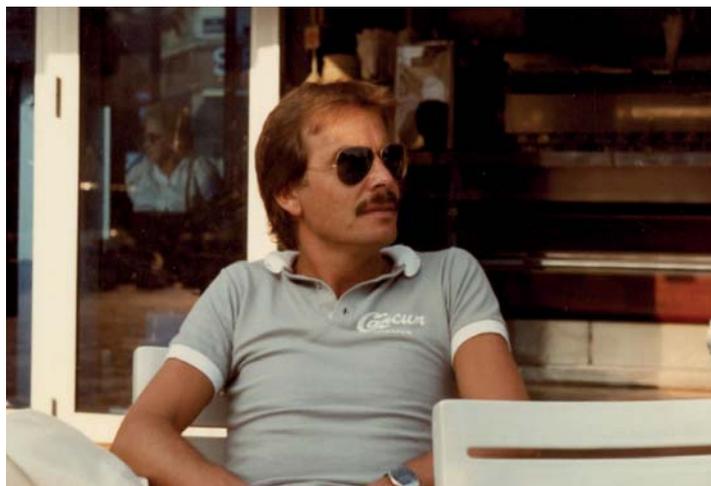
Gostaria de poder passar mais tempo nos Açores

porque sinto que nunca fico tempo bastante. Contudo, depois de tantos anos nos EUA, não sei se me habituari. Uma coisa é o Verão, outra é o Inverno. Com toda a franqueza, não sei. E – diga-se de passagem – já deveria estar a fazer planos muito específicos, porque não tenho propriamente 20 anos!

**Depois de 72 anos de vida, como se define e que sonhos tem ainda em meta para realizar?**

Nunca tive sonhos nem grandes planos para a vida. Tudo foi acontecendo sem sobressaltos, naturalmente. Continuo sem planos, como espero tenha ficado claro na resposta anterior. Gostaria de ter tempo para continuar a reunir os meus ensaios. Publiquei há meses “O Século dos Prodigios. A ciência no Portugal da Expansão”, o terceiro volume da série sobre a identidade – os outros são: “Pessoa, Portugal e o Futuro” (Gradiva, 2014); “A Obsessão da Portugalidade” (Quetzal, 2017). Na última década, publiquei também “De Marx a Darwin – a desconfinção das ideologias” (Gradiva, 2009); “O Peso do Hifen. Ensaio sobre a Experiência Luso-Americana” (Imprensa das Ciências Sociais, 2010); “Mínima Azorica”. “O Meu Mundo É Deste Reino” (IAC, 2012); “Despenteando Parágrafos” (Quetzal, 2015). Ainda tenho mais alguns para aprontar e depois, se ainda me restar tempo e saúde, vou deixar-me de ensaios e entregar-me a outras liberdades de escrita. Ler muito e viajar enquanto puder. Haja saúde para isso. Mas queria deixar claro que nada se perderá se tudo ficar por aqui. Nunca fui ambicioso nem achei que aquilo que faço tem grande importância. O que não significa que não tenha divertido a gastar da maneira que gastei o tempo de vida que me coube. Voltaria a repetir tudo se, como Nietzsche, acreditasse no eterno retorno!

Patrícia Carreiro



Onésimo Almeida, no Mónaco, com 36 anos, em 1982